

ENTREVISTA COM CARLOS RAPOSOⁱ

Carlos Raposo em entrevista a Jonatas Lacerda

Apresentação

Faze o que tu queres deverá ser o todo da Lei.

Carlos Raposo é historiador, tradutor, escritor, *blogueiro*, livreiro e professor. Mantém os blogs **Medievalismo** (espaço dedicado a textos sobre Idade Média, <http://medievalismo.wordpress.com/>), **Scribatus** (espaço com textos *genéricos* e menos rigorosos, sobre filosofia, dia a dia, esoterismos, resenhas, um pouco de bom humor, <http://scribatus.wordpress.com/>) e **Orobas** (textos frutos de pesquisas empreendidas sobre a obscura *Ordo Templi Orientis*, Ordem religiosa e ocultista também conhecida como O.T.O., <http://orobas.blogspot.com.br/> e www.thelema.com.br/orobas/). Carlos também é Maçom, M:·I:· e grau 33 do R:·E:·A:·A:·, tendo sido extremamente ativo no “meio Thelêmico”, onde teve grande contato com personalidades como *Euclides Lacerda de Almeida* e participado da *Ordo Templi Orientis*. Foi editor da *Revista da Filosofia Oculta*, **Safira Estrela**, além de ter criado listas de debates thelêmicos como a *Arte Magicka* e a *Thelema Brasil*, no *Yahoo! Grupos* e possui diversos textos publicados. Note-se que, mesmo com a mudança de rumo nos trabalhos de Carlos, ele nunca deixará de ser um grande expoente do pensamento Thelêmico e Ocultista no Brasil.

Desde já fica aqui registado o meu pessoal agradecimento ao Carlos que, como sempre, foi extremamente gentil e atencioso no curso desta entrevista.

Espero, por fim, que a leitura desta possa agregar valor aos estudos daqueles que trilham pela via da Vontade.

Amor é a lei, amor sob vontade.

Jonatas Lacerda

Entrevista com Carlos Raposo



Parte I – O Início

Jonatas Lacerda: Carlos, você poderia nos contar um pouco sobre como começou seu fascínio com o Ocultismo?

Carlos Raposo: Em primeiro lugar agradeço o convite para participar desta seção do Espaço Novo Æon. É um prazer muito grande estar aqui. Deixando logo claro, não sou thelemita, embora estude, entre outros, este segmento do conhecimento iniciático, o qual certamente tem muito a oferecer a todos.

Respondendo, eu era bem jovem, 17 ou 18 anos, quando comecei a praticar Artes Marciais. Na ocasião, recomendaram-me algo a respeito de misticismo, mais precisamente sobre budismo tibetano. Desta leitura até os livros de ocultismo tradicionais como os de Eliphas Levi, Papus, Guaita, Blavatsky, Mebes, Pauwels & Bergier, entre outros, foi um pulo. Em seguida, comecei minha busca pelo que eu entendia serem as sociedades secretas e me associei a uma bem conhecida ordem Rosacruz. Sucintamente, começou mais ou menos assim, sem nada de romântico e sem exageros, de modo bem simples. Hoje quando me recordo desse tempo, acho muita graça de tudo, de minha inocência, de meus anseios, de minhas perspectivas e, principalmente, de como eu não tinha a mínima ideia do quanto iria aprender com tudo o que estava por vir. São ótimas lembranças!

E com Thelema, como foi sua aproximação, os primeiros dias?

No início da década de 1980 “achei” no Centro do Rio a livraria do Francisco Laissue, especializada em ocultismo. Era a melhor do Brasil. Aqui no Rio de Janeiro o Laissue vendia livros esotéricos desde a década de 1940. Infelizmente, já nonagenário e devido à precária saúde, o Francisco foi obrigado a fechar a livraria no início de 2012 e retornar a sua terra natal, Argentina. Enfim, quando a encontrei eu já contava com diver-

sas leituras na área esotérica, pertencia a algumas “ordens de mistério” e me considerava um sujeito muito bem informado sobre o assunto “ocultismo”. Apesar de tudo, achar a livraria foi um tremendo diferencial para mim. Certamente, quem teve a boa sorte de conhecer o Laissue entenderá o espanto que na época o acervo de sua livraria me causou. Espanto talvez não seja a palavra mais adequada: fiquei atônito, desconcertado. Inquietei-me com a quantidade de literatura mística, mágica e ocultista que ali havia e sobre a qual eu pouco ou nada conhecia. Foi uma boa lição para mim, que pensava saber muito. Na verdade, eu nada sabia. Há muitas histórias e encontros pitorescos que poderia contar, passados na pequena sala da Livraria Francisco Laissue. Contudo, para não me alongar, basta dizer que foi nela que primeiramente encontrei material a respeito de Thelema, escrito ou não por Aleister Crowley.

Parte II – Ocultismo

Qual sua opinião sobre os rumos do Ocultismo no Brasil? Há alguma forma de leva-lo realmente a sério?

Nunca parei para pensar a respeito disto com profundidade. Entretanto, falando bem por alto, minha perspectiva sobre os rumos do ocultismo em nosso país tende a ser otimista. Hoje, praticamente tudo está a disposição de quem quiser se envolver com ocultismo. Na verdade, isso ocorre em todo mundo, não apenas no Brasil. Em qualquer lugar, encontra-se facilmente tanto material de excelente qualidade quanto o costumeiro lixo ascencionado, cabendo aos buscadores e as buscadoras a nem sempre difícil tarefa de escolher e filtrar o material que lhe chega às mãos. Basta deixar a credulidade de lado e usar uma boa dose de bom senso. Além disso, temos a internet como ferramenta óbvia para achar o que quisermos. Em suma, hoje as coisas me parecem bem mais fáceis do que há três décadas atrás, pois o material está por aí ao alcance de todos. Basta procurá-lo, sem muito esforço. Faço questão de frisar este aspecto, pois o pessoal novo não faz ideia do que é ter que esperar meses, às vezes anos (sem exagero!), para receber os livros desejados ou, o pior, simplesmente não consegui-los. Nesse contexto de material místico colocado a disposição dos interessados, destaque-se aqui no Brasil a excelente atuação da Editora Madras, que rompeu com uma série de limitações inexplicavelmente impostas por algumas das antigas editoras brasileiras. Se ainda estivéssemos a mercê destas, continuaríamos presos aos autores e linhas de pensamento de sempre. Em outras palavras e respondendo a questão, dada a crescente facilidade de acesso a informação, vejo com muito bons olhos os rumos do ocultismo nas terras brasileiras.

Quanto a levar ou não o ocultismo a sério, a questão é tão pertinente quanto delicada. Nem sempre é fácil respondê-la sem ferir um pouco as suscetibilidades existentes por aí. O ponto também envolve os próprios ocultistas, os quais, de modo geral, lidam com aquilo considerado “desconhecido” pelas pessoas leigas. Faço aqui uso de breve parêntese, pois ao tocar no assunto me chega à mente a recorrente advertência dada por Montaigne, já no século XVI, quando em seus *Ensaio*s muito apropriadamente disse “no desconhecido situa-se o verdadeiro campo de ação da impostura”. Enfim, parêntese à parte, o trato com ocultismos e ocultistas nem sempre é fácil. Como levá-los a sério? Como distinguir honestidade de propósitos da pilantragem? Nesta seara, é mesmo possível separar trigo e joio? Obter com precisão e na prática a resposta a tais perguntas não é algo que se consiga da noite para o dia, mas caso queiram uma pequena dica, a regra de ouro é: empregar cautela e o já citado bom senso. Cautela, pois frequentemente nos deparamos com gente mal intencionada. Bom senso, pois na obtenção do saber nada vem facilmente, nada vem gratuitamente. Definitivamente, conhecimentos e saberes ocultos não são baratos nem instantâneos. Assim, se alguém realmente acha possível conseguir rapidamente sólidos conhecimentos ocultistas pagando alguns poucos reais mensais por material esotérico copiado da Internet, cabe-me lamentar e informar: você está sendo enganado.

O quê, no Ocultismo, ainda te atrai?

Um pouco antes falei que ainda estudava Thelema e, aqui ressalto, é no contexto desta resposta que abordo o sistema de magia e de crenças desenvolvido por Aleister Crowley. Atualmente não estou envolvido diretamente com nenhum grupo ocultista, nem me dedico mais a qualquer tipo de prática considerada mágica, ocultista, mística ou de qualquer tipo de atividade de cunho esotérico. Hoje, meu interesse é em nível histórico e antropológico. Resumidamente falando, no aspecto histórico, busco constantemente informações sobre a história e desenvolvimento das Ordens ocultistas e iniciáticas ocidentais, bem como estudo a biografia de alguns de seus personagens. Já quanto ao aspecto antropológico, busco estudar como e porque homens e mulheres se envolvem tanto com práticas mágicas e ocultistas. Neste último aspecto, algo que me atrai bastante é compreender as representações e as várias implicações culturais, simbólicas e sociais que resultam de tais práticas. Outro ponto que posso citar como pertencente a minha esfera de interesses é o que chamo de evolução do pensamento mágico e religioso. Neste sentido, pretendo desenvolver uma investigação comparativa acerca de como o homem e a mulher pensavam e pensam a magia e a religião e como é que as ações ditas mágicas e religiosas interferiram e interferem na vida deles. Este é um campo fascinante e inteiramente aberto às pesquisas.

Você poderia listar quais são os livros, em sua opinião, que são de leitura obrigatória para o entendimento do Ocultismo?

Desculpo-me, mas prefiro não fazê-lo. Sei que até já respondi a pedidos por bibliografia básica relacionada a ocultismo, seja conversando pessoalmente seja por e-mail, indicando aos interessados títulos, autores, compêndios, etc. Entretanto, já faz algum tempo que parei de responder tais pedidos assim. Não quero que me veja como excessivamente caprichoso ou mesmo enigmático, mas que entenda algo aprendido tanto com o tempo quanto às custas da paciência de professores bastante competentes e responsáveis: uma indicação bibliográfica sobre qualquer assunto é coisa bastante séria e eu não a daria mais sem antes conhecer – pelo menos um pouco – as aspirações de quem a deseja.

De todo modo, é pertinente dizer uma palavra a mais, principalmente se os interessados em ocultismo forem bem jovens. Caso queiram estudar ocultismo, uma orientação fundamental é a seguinte: a primeira coisa a fazer é esquecer o ocultismo. Optem por dar a devida atenção aos estudos “profanos”; concluam o estudo médio, tentem um curso superior ou profissionalizante. Enfim, preparem-se e se estabeleçam profissionalmente. Cresçam. Se tiverem aptidão para, formem família e tenham filhos. Em suma, busquem responsabilidades reais e adquiram independência material e emocional. Depois, caso a vontade de estudar ocultismo persista, tenho certeza que vocês já terão reunido toda a base necessária para entender os principais mistérios humanos e tenho fé que então vocês serão grandes ocultistas. Do contrário, ou seja, se vocês forem jovens e não quiserem seguir a orientação dada aqui, digo-lhes somente: ok. Esqueçam meu tolo conselho e muito boa sorte.

Parte III – Thelema

Por muito tempo você foi extremamente ativo nos meios Thelêmicos, difundindo o pensamento e a filosofia do Novo Æon. O que mudou? E como você vê a filosofia Thelêmica hoje?

Originalmente, meu interesse era o ocultismo propriamente dito. Foi somente depois de algum tempo de estudo e de prática e após pertencer a algumas Ordens (rosacruzes, gnósticas, teosóficas, etc.) é que conheci

o sistema elaborado por Aleister Crowley, passando então a me dedicar ao assunto. Na época, o relato construído por ele a respeito da gênese e do ditado de seu tomo fundamental, o *Liber Al vel Legis*, impressionou-me. Depois, imagens marcantes como a do Novo Æon, da Abadia de Thelema, das Casas de Ofício (*Profess Houses*) e de tantas outras também conforme pensadas por Crowley, tiveram um impacto bem considerável em mim.

Outro ponto que gosto de salientar é que me surpreendeu bastante o fato de praticamente todos os figurões das organizações conhecidas por mim naquele período não fazerem ideia de quem era Crowley. Por exemplo, eu me perguntava, como é possível o sujeito se apresentar como Mestre de uma Loja Rosacruz e membro da Hierarquia desta Ordem, mas ficar com cara de tacho quando questionado a respeito de Crowley, dizendo que nunca sequer ouvira se falar dele? Por que é que fulano, um muitíssimo ilustrado Grau 33 da Maçonaria, também diz não saber de quem se trata? Isso realmente me chamou a atenção. Mais ainda, intrigava-me aqueles que, apesar de terem informações a respeito, eram extremamente reticentes quando teciam comentários sobre Crowley. Aos poucos, concluí que haveria uma espécie de barreira de mistério afastando as “pessoas comuns” de tudo aquilo relacionado ao nome “Aleister Crowley”. Enfim, todo o mistério que circundava o mago inglês e o quase completo desconhecimento das pessoas místicas de renome, seja a seu respeito seja a respeito de sua obra, instigaram-me a conhecê-lo. Movido por mera teimosia, determinei-me a ler e estudar tudo relacionado a Crowley. Em meu íntimo, esperava encontrar nesta nova esfera de conhecimentos a resposta não somente para aquelas perguntas, mas também para as grandes questões filosóficas e ocultistas criadas pela minha juvenil ansiedade em saber. Na verdade eu procurava mesmo era uma espécie de Chave Universal que desse sentido ao emaranhado de conjecturas esotéricas abrigadas em minha mente. Em suma, foi nesta expectativa que me deparei com Crowley e, conseqüentemente, a partir dos anos da década de 1980 passei a me dedicar intensamente a conhecer e, depois, a divulgar a boa nova da “filosofia do Novo Æon”. De fato, naquele momento tudo o que vi me pareceu entusiasticamente novo. O resultado? Embriaguei-me com o que Kenneth Grant não muito originalmente chama de os Cultos da Sombra.

O que mudou? Muito, pelo menos em mim. Aliás, quando converso sobre isso me recordo de Aristófanés e seu vívido “a imaturidade é superada, a ignorância pode ser educada e a embriaguez passa”. Hoje afirmo, com bem mais moderação, sobriedade e sem quaisquer resquícios de dúvida, que o meu envolvimento com Thelema e adjacências foi resultado natural de minha frenética busca por sistemas ocultistas e religiosos os quais eu então considerava verdadeiramente inéditos e libertários. Evidentemente, tudo isso combinado com pouca maturidade de minha parte. Em outras palavras, por um lado eu acreditava na existência de sistemas não ideológicos, não dogmáticos e plenamente capazes de agir em prol da fundação de uma sociedade ideal; por outro, achei ter topado com um sistema desses. Nesta conjuntura, os já citados Novo Æon, Abadia de Thelema, Casas de Ofício, além de tantas outras imagens presentes no ideário thelêmico, surgiram como sedutores modelos daquela sociedade. Ademais, algo que também pesou bastante foi minha pia sensação de ter finalmente achado em Thelema a tal “chave universal” para minhas questões religiosas e filosóficas. Mais adiante falarei um pouco o que hoje penso sobre tais chaves.

Todavia, com o tempo e na medida do aumento de meus conhecimentos históricos, fui-me dando conta de algo deveras trivial. Em todas as épocas há registros de homens sonhadores e idealizadores do que livremente chamo de “sociedade ideal”. Mas muito longe de ser uma possibilidade plausível ou uma realidade a ser alcançada, esta sociedade ideal representa uma crítica mordaz às sociedades, refletindo o estado de ansiedade humana e total insatisfação com a realidade social com a qual eles próprios eram obrigados a diariamente lidar. A Abadia de Thelema de Rabelais, principal inspiração e modelo para a Abadia de Thelema de Crowley, *grosso modo*, é exemplo disso. Há diversos outros a serem citados. A título de ilustração, quem

quiser conhecer mais o tema valerá a leitura de “Utopia”, de Thomas Morus; da “Cidade do Sol”, de Tomasso Campanella; e também ajudará bastante se informar sobre a maravilhosa lenda do “Reino de Preste João das Índias”. Em todos esses exemplos (apenas para citar alguns), encontramos o homem buscando encontrar ou tentando criar a tal Sociedade Ideal, perfeita, bela e próspera, onde o ser humano vive de acordo com a própria vontade, em harmonia, perfeitamente inserido numa ordem justa e perfeita. Vistos deste modo, a Abadia de Thelema de Crowley, o sonho da Nova Era, do Novo Æon, passam a ser somente a mesma coisa contada de forma levemente diferente, mas refletindo exatamente as mesmas insatisfações e a mesma crítica à sociedade cotidiana. Em outras palavras, não há nada de novo, revolucionário ou original neles. Vale repetir, há um ponto comum a todas estas sociedades: elas são imaginárias, ideais e jamais serão materializadas. Sei que este tipo de compreensão pode ser considerado simples, mas demorei um pouco a chegar a obtê-la. Pois é, agora parodiando aquele ateniense, felizmente até mesmo minha ignorância pode ser educada.

Posto isso tudo, fica fácil responder à pergunta a respeito de como vejo Thelema atualmente. Vejo-a apenas como mais um sistema religioso que promete ser libertário, não dogmático, embora no fundo esteja completamente calcado em diversas crenças fundamentais. Questionar o caráter dogmático da religião thelêmica não é coisa simpática de se fazer, sei disso. Não obstante, não é difícil entender quais são seus pontos fundamentais. Citando alguns, caso você acredite que há mesmo em curso uma nova era (ou Novo Æon), se de fato crê no advento do Æon de Hórus de 1904 (e.v.), se aceita piamente que o *Livro da Lei* foi ditado por uma figura präter-humana para o *Magus To Mega Therion*, caso tenha fé em Crowley como o profeta destes novos tempos, enfim, se você estiver francamente alinhado com estes dogmas fundamentais, suas credencias como thelemita já estão confeccionadas. Basta agora exercer livremente e com bom senso a sua fé. Lembrando, não quero me mostrar deselegante com ninguém que creia nestes fundamentos, mas para responder a pergunta que me foi feita, preciso dizer, não é mais o meu caso acreditar em tudo isso.

Rapidamente e para encerrar, um pouco antes prometi falar algo sobre “Chaves Universais”. Durante algum tempo considerei Thelema uma espécie de ideia central, uma luz que possuía a capacidade de clarear tudo, que podia ser aplicada em qualquer aspecto da vida humana. Contudo, por assim dizer e usando livremente o belo título do livro de Alexandre Koyré, a questão que me tirou deste mundo fechado para me lançar ao universo infinito foi: Thelema de fato explica tudo ou sou eu que não tenho conhecimento e maturidade suficientes para ver as coisas de modo diferente? Desta reflexão, bem como da leitura de um texto de Clifford Geertz, nasceu um pequeno *post* que também tomo a liberdade de recomendar: “Teorias que explicam tudo” (em <http://scribatus.wordpress.com/2009/04/18/teorias-que-explicam-tudo/>).

Você vê o processo de Iniciação baseado na Vontade do Indivíduo, como um processo válido?

Certamente que sim! O processo é muito belo, intenso, interessante e inteiramente válido. Afirmar os contrários, sem receio ousar dizer, é não fazer a menor ideia do significado desse processo.

A propósito, considero existir algo que boa parte dos thelemitas precisa especialmente aceitar. Assim, aproveitando a excelente questão e sem sair de seu âmbito, no que concerne ao sistema elaborado por Crowley, quero aqui dar um sentido mais amplo a minha resposta.

Não é novidade alguma que Crowley se apropriou do “Faze o que queres” de François Rabalais. Todo mundo sabe disso. Todavia, nem todos sabem é que Rabelais, por sua vez, repetia o que Santo Agostinho dissera. A seu turno, o Bispo de Hipona escreveu algo como “ama e faze o que queres” quando comentava uma das Epístolas de João. Assim, de certa forma, o que Crowley lança como original já estava presente no pensamento humano pelo menos desde o fim do mundo antigo. Evidentemente, pode-se argumentar que a ideia e

o sentido contidos no texto de Crowley é que são originais, e não as palavras, propriamente ditas. Nesta perspectiva, o mago inglês se referiria a aspectos internos do indivíduo, conquanto os demais se refeririam à divindade externa ou a Deus. Concordo com a diferenciação, mas parcialmente. Digo “parcialmente” porque quando se sabe onde Crowley pretende chegar com sua hipótese da Vontade Verdadeira (*True Will*) do indivíduo, passamos a entender que para ele tanto o aspecto interno quanto o externo da Vontade são iguais. Indo além, para este mago, de certo modo, a identificação da Vontade pessoal é apenas um artifício, um instrumento, um caminho para a identificação da vontade de Deus. Para dirimir dúvidas, o próprio Crowley nos diz “Tu deves (1) Descobrir qual é a tua Vontade. (2) Fazer aquela Vontade [...] Então, e somente então, tu estarás em harmonia com o Movimento das Coisas, tua vontade será parte de, e portanto igual, à Vontade de Deus” (em *Liber II – A Mensagem de Mestre Therion* no link <http://www.thelema.com.br/espaco-novo-aeon/livros/liber-ii-a-mensagem-do-mestre-therion/>). Seguindo, Crowley nesse mesmo texto infere que a partir desta identificação “se a tua vontade for a vontade de Deus, Tu és Aquele”. Assim, o objetivo da doutrina de Crowley é ser Deus ou ser um com Deus. Convenhamos, é exatamente o mesmo objetivo da via cristã, por exemplo, conforme as “Confissões” do já citado Santo Agostinho. Sob este prisma e filosoficamente falando, não existe diferença entre o “faze o que queres” de Crowley e o neotestamentário “seja feita a Tua vontade”. Finalmente, a partir do exposto, volto ao que considero necessário ser assimilado por boa parte dos thelemitas: o processo de Iniciação fundamentado na Vontade do Indivíduo é válido e belíssimo, mas tanto quanto são válidos e igualmente belos os processos Iniciáticos fundamentados na – por assim dizer – Vontade do Criador. Ambos os processos, embora possam adotar caminhos distintos, visam o mesmo logro ou, na linguagem adotada por thelema, a mesma consecução espiritual: a unidade com Deus.

Exponho esta forma heterodoxa de entendimento da via thelêmica por razão bem crua: encontrei muita beleza nesta via iniciática, mas também já vi muito preconceito religioso vindo do próprio seio thelêmico. Possivelmente o preconceito seja resultado da transformação do simples apelo de se fazer a própria vontade numa rígida doutrina institucionalizada, numa ideologia cega a ser sobreposta a tudo mais. Ele é a fonte de onde nascem discursos tolos, histéricos, marcadamente sectários e até mesmo doentios como os frequentes ataques desferidos por thelemitas contra o que é pejorativamente taxado de “religiões dos escravos”, “ordens do velho æon”, “ordens osirianas”, “culto do sacrificado” e *tutti quanti*. Tais ladainhas precisam parar. Até mesmo a Ordem De Molay já foi grosseira e infantilmente agredida pela liderança brasileira de uma Ordem thelêmica. Pergunto: se a própria liderança de um grupo não sabe se comportar com inteligência e não age sequer minimamente de acordo com as leis de nosso país e recomenda a jovens e crianças (há De Molays com 12 anos de idade...) o uso de drogas para “se libertar”, o que esperar de um grupo como esse? O que esperar de uma *filosofia* que um grupo como esse diz representar? Repito, esta coisa completamente descabida tem que parar. E atente bem para o seguinte: quando digo “tem que parar”, não é porque as instituições ofendidas, como no caso da Ordem de Molay, corram qualquer tipo de risco existencial ante as ofensas as quais lhes são desferidas pelos defensores de *Liber Al*. Definitivamente, elas se encontram bem acima disto e não correm risco algum. O risco recai é na credibilidade de quem ofende, pois tal postura nada mais é senão um tiro no pé. Por tal é que digo que este tipo de atitude deve parar. Do contrário, apenas os thelemitas perderão. Lembrem-se, é o trabalho thelêmico que está em jogo e cabe tão somente aos thelemitas cuidar para que ele não fique desacreditado ou maculado, no mínimo, como reacionário, preconceituoso e fundamentalista.

Pelo que entendemos, houve em determinado momento uma mudança de perspectiva em seu trabalho e isso provavelmente invalidou para você, a via Thelêmica, foi isso que aconteceu? Se sim, você pode nos falar um pouco mais sobre o processo que culminou nessa nova perspectiva?

Não. Não foi assim que aconteceu. Houve de fato uma mudança de perspectiva de minha parte, mas a mudança não ocorreu de uma hora para a outra, de súbito ou num estalar de dedos. Não houve uma ruptura repentina. Como já disse aqui, meu envolvimento com a via thelêmica em parte foi resultado de minha pouca maturidade. Impressionei-me com o que considerei ser uma mensagem libertária, original, ousada, etc. A partir daí, simplesmente quis levar a boa nova thelêmica para todos. Depois, com o tempo e com uma série de outros estudos, sejam históricos, sociológicos, antropológicos ou mesmo religiosos, lentamente fui me dando conta de que nada há de novo na essência da mensagem de Crowley. Consequentemente, aos poucos me afastei da crença thelêmica. Meu afastamento também não foi uma coisa premeditada, do tipo “ah, agora que sei das coisas vou me afastar de thelema”, mas aconteceu de forma inteiramente natural.

Não há como não perguntar, essa mudança de caminho não foi originada de constantes decepções que o cenário de pessoas e organizações lhe causou?

Entendo o porquê da pergunta, mas meu caso não diz respeito nem a pessoas e nem a organizações. Obviamente, em todas as atividades de nossas vidas estaremos continuamente à mercê de encontros e desencontros, alegrias e decepções. Contudo, vale aqui o bom clichê de dizer que não devemos estar num lugar tão somente porque as pessoas que ali estão nos trazem alegrias; ou que devemos sair dali apenas porque elas nos causam tristezas. Pessoas sempre serão importantes e pesarão bastante em qualquer decisão que tomemos em relação àquele lugar, mas sempre haverá mais a ser considerado. Aspectos como prazer em fazer parte de um movimento, satisfação intelectual, perspectivas de crescimento, querer permanecer onde se está, sensação de não perder tempo ali, etc. Tudo importa e tudo pesa em qualquer decisão a ser tomada. Comigo não foi diferente. Em thelema, houve tanto os que me trouxeram alegrias quanto os que me trouxeram decepções, mas nem estes poucos nem aqueles muitos representaram o fiel da balança de minhas decisões. Falando de outro modo, credito a minha gradual mudança de perspectiva não por conta de outrem, mas sim devido a meu percurso natural como ser humano. Enfim, eu precisava crescer pessoalmente e thelema passou a não mais alimentar o meu espírito. Caso prefira, posso dizer isso de forma mais branda: eu precisava crescer e meu espírito não foi mais capaz de encontrar em thelema o alimento de que tanto precisava.

Em muitos momentos você expõe Thelema como uma *religião* criada por Aleister Crowley, você pode nos falar um pouco mais sobre esse seu ponto de vista?

É claro que sim! Todavia, há um *post* em um de meus blogs intitulado “Afinal: Thelema é ou não é uma religião” onde exponho mais detalhadamente porque thelema é uma religião. Ele está no endereço <http://scribatus.wordpress.com/2012/06/06/thelema-religiao/>. Creio que valerá mais a leitura por lá do que reproduzi-lo integralmente aqui.

A propósito, pessoalmente acho o debate muito interessante, às vezes até engraçado, considerando os desdobramentos causados pela temática um tanto polêmica. Ocorre que, originalmente, publiquei o texto “Thelema: Uma Religião da Nova Era” (link em <http://scribatus.wordpress.com/2012/04/10/thelema/>) em abril de 2004 na Revista Sexto Sentido. O texto foi minha singela e despretensiosa homenagem ao centenário da escrita do *Liber Legis* de Aleister Crowley, documento considerado fundador da Religião Thelêmica. Pois bem, a repercussão do artigo foi excelente e após vários questionamentos saudáveis recebidos, achei por bem publicar o referido *post* “Afinal: Thelema é ou não é uma religião”. Assim, sempre que alguém me es-

crevia questionando meu artigo e solicitando mais informações, eu recomendava o texto do *post*, evitando ter de dizer tudo novamente. A versão aqui indicada é uma revisão atualizada e final daquela que escrevi, também em 2004. Vejo como sendo muito razoável e inteiramente compreensível o fato de alguns thelemitas brasileiros terem se sentido, particularmente, tocados com este meu “ponto de vista” ou até mesmo ofendidos. Acontece que, para alguns, a palavra *religião* – cuja etimologia originalmente não tem nada a ver com o tal *religare* – hoje esta impregnada com um mau cheiro avassalador, provocando náuseas e assustando muito o pessoal. Contudo, quando afirmo que thelema é uma religião, com isso digo apenas que “thelema é uma religião” e nada mais. O fato não desmerece e nem enaltece o sistema de crenças concebido por Crowley, conquanto que apenas aponta para o que este sistema é na realidade. Não há vergonha alguma nisso ou não deveria haver. De fato, ninguém precisa ter vergonha de sua própria fé, de sua crença, de sua religião. Do contrário, melhor é não tê-la. Neste sentido, vale o claro e honestíssimo exemplo do líder da Grande Loja da O.T.O. americana que berrou alto para todo mundo ouvir: “somos uma Ordem religiosa. Nossa religião é Thelema”.

Sei que muitos thelemitas ficam meio sem jeito e receosos com este assunto, o que os leva a, seja instintivamente seja defensivamente, preferirem considerar thelema apenas uma simpática “filosofia” de vida. Evidentemente, há uma *filosofia* próxima a tudo isso de “faze o que queres”, de se fazer valer a sua vontade pessoal, etc. Não nego isso, de forma alguma. Apenas considero que exista a filosofia thelêmica da mesma forma como existem filosofias islâmica, cristã, judaica, budista, etc. Repetindo o que já disse inúmeras vezes, não há nada de errado em pensar assim, que thelema é uma salutar filosofia de vida, embora quem assim pense não tenha se envolvido diretamente com as Ordens thelêmicas. Agora, caso você faça parte da citada O.T.O., por exemplo, não há o que discutir: sua religião é thelema. Dizer o contrário equivale a ser um padre ou uma freira da Igreja Católica e afirmar que não é cristão. Você consegue imaginar isto? Pois é.

Novamente, é fácil compreender o porquê dos thelemitas verem esse assunto com espanto, com reserva e até com certo temor. Também é natural ficarem agressivos. O próprio Crowley, após se auto intitular profeta e depois de tanto falar sobre sua religião, sobre a religião dos thelemitas e sobre a necessidade do mundo ter religião, no final da vida passou a se sentir irritado com o assunto. Contudo, mesmo irritado, em nenhuma parte de sua quilométrica obra ele afirma categoricamente que Thelema não é uma religião. Para que se tenha noção de como o tema perturbava Crowley, vale repetir o que digo com mais cuidado no *post* aqui já recomendado: em uma de suas cartas do *Magick Without Tears* Crowley responde bem impaciente quando uma discípula lhe pergunta se Thelema é uma religião. Depois, de modo risível e aparentando não saber exatamente o que falar, ele conclui apressadamente a carta dizendo meramente que “a palavra não ocorre em *Liber AL*”. Ora, tenham paciência, vamos deixar essa história de *magister dixit* de lado. Ademais, se com isto ele pretende insinuar que thelema não é uma religião, então podemos inferir que thelema também não é uma filosofia, pois, igualmente, esta palavra “não ocorre em *Liber AL*”.

Concluindo, sinto-me lisonjeado ao ver que um tema lançado por mim há tantos anos aqui no Brasil esteja ainda tão em voga atualmente. Aliás, ele anda tão presente no meio thelêmico que até mesmo um grupo com sede aqui no Rio começou dar palestras públicas para tentar “esclarecer” a coisa.

Parte IV – O Adepto

Nesse ponto não iremos muito a fundo, já que entendemos que as experiências de um adepto devem ficar para ele e não ser expostas como troféus a outrem. Mas o que você pode compartilhar sobre a crônica *Lembranças de um Neófito* (<http://scribatus.wordpress.com/2011/07/04/lembrancas-de-um-neofito/>)?

Grato, tanto pela questão quanto pela indicação da crônica. Foi em meados dos anos de 1980 quando escrevi *Lembranças de um Neófito*. Na ocasião, Euclides Lacerda de Almeida era meu instrutor na A·A· e ele havia me proposto uma peça de arquitetura sobre o meu grau nesta Ordem. “Peça de Arquitetura” é um termo maçônico que significa trabalho escrito. A ideia, segundo ele, era me propor um teste, de modo a permitir minha avaliação na senda do conhecimento thelêmico. Em suma, o Euclides queria me avaliar, objetivando me aceitar no grau seguinte, Zelador. Fiquei tão empolgado com a ideia que lhe propus escrever dois textos: um mais coloquial, onde resumiria de forma bem sintética algumas de minhas experiências; o outro, bem mais formal, seria no formato de carta dirigida a um discípulo imaginário. Assim, escrevi o que pomposamente chamei de *Confessio Neophitus* e também o *Epistola Primeva*. Bem posteriormente, já em plenos anos de 1990, os textos foram revisados e publicados na Revista Safira Estrela, com os títulos definitivos *Lembranças de um Neófito* (na Safira nº 5) e *Carta a um Aprendiz* (na nº 4). Em tempo, assinei o primeiro texto com o pseudônimo “Luciano De Angelis” e o outro com meu mote na Ordem, *Frater Brunus* (nome adotado por mim em homenagem a Giordano Bruno). O Euclides ficou muito satisfeito com os dois trabalhos e chegou a comentar que a *Epistola* era um tratado produzido por um autêntico Adepto. Obviamente, fiquei muito lisonjeado, mas achei a empolgação dele bem exagerada.

Hoje, embora eu prefira não entrar em detalhes quanto a esta avaliação, parece-me apropriado elucidar três pontos bem simples.

Primeiro, a *Carta* não é endereçada a ninguém em específico. Ressalto este ponto, pois quando a publiquei a Safira Estrela nº 4, mencionei o mote mágico do revisor do texto como se ele fosse o destinatário da carta. Uma brincadeira nada brilhante de minha parte. Repetindo, na verdade a *Carta* fora dirigida a um discípulo imaginário. Contudo, de certa maneira e por ser ela excessivamente genérica, seu conteúdo aplicar-se-á a qualquer um dos caminheiros da senda mística.

Visto isto, outro ponto que gostaria de abordar é o grau de meu instrutor, o Euclides, naquela Ordem. Todos que o conheceram, aceitam-no como Neófito. Entretanto, às vezes ele argumentava estar no grau do Zelador, pois seu instrutor frater Adjuvo (i.e., Marcelo Motta), por carta o havia acusado de ter falhado justamente no ordálio deste grau, Zelador. Ao mesmo tempo, por outras diversas vezes o Euclides me disse ter, há muito, tomado para si o Grande Juramento. “Grande Juramento” (ou “Grande Obrigação”) é um dos modos pelos quais o thelemita se refere ao Juramento do Mestre de Templo. Conforme as palavras do Euclides, a partir da experiência dele nesse grau foi produzido o texto “Meu Verdadeiro Nome”, assinado por ele com o que seria seu mote mágico deste alto grau da Estrela de Prata. Observe-se, originalmente o Juramento se encontra devidamente publicado em *João São João*, de Aleister Crowley. Todavia, quem quiser conhecê-lo deve evitar a tradução feita pelo Motta, pois Adjuvo simplesmente extirpou o Juramento do texto original. Em português, uma opção é ler o *João São João* que se encontra inteiramente publicado no livro *Aleister Crowley e a prática do Diário Mágico*, de James Wasserman, editado pela Madras, livro este que tive o pra-

zer de traduzir. Enfim, sobre o possível grau do Euclides na A·A·A· era mais ou menos isso que eu tinha o que dizer.

Por último, creio ser de bom tom falar a respeito de minha própria situação na *Astrum Argentum*. Sendo direto, não faço mais parte da Ordem nem tenho grau algum a reclamar relacionado a ela. Friso bem isso, pois até hoje há pessoas que encarecidamente me solicitam admissão a Santa Ordem. Embora todas me deixem sinceramente honrado – ser escolhido por alguém para ser seu orientador no caminho espiritual da A·A·A· é uma honraria experimentada por poucos –, por uma simples questão de coerência e honestidade, não posso atender tais solicitações.

Parte V – O Contato com Euclides Lacerda de Almeida

Você pode nos contar um pouco mais sobre o período que manteve contato ativo com Euclides Lacerda?

Perfeitamente. Conheci o Euclides (*i.e. Frater Aster*, entre vários outros nomes) em março de 1988. Eu havia encontrado numa outra livraria do Centro do Rio o já aqui citado livreto intitulado “Meu Verdadeiro Nome”, publicado no ano anterior e assinado por alguém que enigmáticamente se pseudodenominava “La Achad Al”. Como na última página havia sido colado um cartão de visitas com o nome e endereço de Euclides Lacerda de Almeida, obviamente deduzi ser este o nome real do autor daquele texto. Vale frisar, naquela época o nome civil dele não me era de todo desconhecido, pois fora citado *an passant* e de forma bem rude por Marcelo Ramos Motta em sua tradução do “The Equinox of the Gods”, de Aleister Crowley (*O Equinócio dos Deuses*, publicado por Motta em 1976). Eu tinha lido este livro dois ou três anos antes de conhecer o Euclides e havia me determinado a entrar em contato com as Ordens ali descritas, que se diziam representantes da doutrina proposta por Aleister Crowley. Assim, escrevi para o endereço da S.O.T.O. (Sociedade Ordo Templi Orientis) de Ribeirão Preto, endereço este constante no *Equinócio*. Contudo, como a resposta que recebi desta Ordem estava muito aquém do que eu minimamente considerava aceitável, decidi falar diretamente com o Euclides, o que fiz logo que vi o endereço dele no livreto. Fui pessoalmente até sua residência, no bairro Grajaú e me apresentei no velho e bom estilo “cara de pau”. E foi assim mesmo que aconteceu. Simplesmente cheguei lá numa tarde de domingo e lhe disse: oi Euclides, sou o Carlos, podemos conversar? E assim tudo começou.

O Euclides me recebeu muito cordialmente, logo nos tornamos amigos. Mais do que isso, além de me corresponder com ele através de cartas, passei a frequentar assiduamente a sua casa, tornando-me também amigo de sua esposa e filhos. Até me transformei em seu confidente pessoal. A receptividade dele quando o conheci foi para mim uma surpresa bastante feliz. Até mesmo a sua ótima biblioteca eu tive livre acesso. Algum tempo depois lhe perguntei sobre o porquê de sua generosidade e por que eu lhe inspirara tanta confiança. Afinal, como confiar assim em quem não se conhece? Euclides então me confidenciou o seguinte. Relacionado ao misticismo e aos trabalhos mágicos, desde que rompera com seu instrutor (Marcelo Motta) em 1975 que ele se encontrava “de molho”. Aguardava alguns sinais ou algo maior a lhe indicar qual caminho seguir e o que fazer com tudo aprendido dentro de Thelema. Havia se aposentado (ele trabalhava na Petrobrás) em 1985 e apesar do tempo disponível, não conseguia vislumbrar qualquer horizonte quanto a qual sentido dar àquilo tudo. Pois bem, em fevereiro de 1988 o Euclides recebeu um comunicado lhe informado sobre “a Grande Festa de Marcelo Ramos Motta”, ocorrida em agosto do ano anterior. A expressão “Grande Festa” é o jargão thelêmico para indicar o falecimento de alguém, ou seja, aquele comunicado lhe informava sobre a prematura morte de Motta. Mesmo tomado pela tristeza, o Euclides entendeu aquele co-

municado como o sinal há tanto esperado, como se o caminho lhe houvesse finalmente sido mais uma vez aberto. Ele me disse então que, após ler o comunicado da morte de Motta, decidiu abrir aleatoriamente o *Liber Al* de Aleister Crowley e leu no capítulo 3 o versículo 31. Sua interpretação do texto foi: “logo aparecerá alguém para me ajudar”. Pouco tempo depois eu estava lá, tocando a campainha da casa dele, dizendo “oi Euclides, sou o Carlos”. Enfim, conforme me confidenciaria algumas vezes, o Euclides passou a me considerar alguém especialmente enviado para lhe ajudar.

Registre-se, transcrevo essa pequena história, pois acho válido apresentar parte do imaginário pertencente a um dos principais personagens da história de thelema aqui no Brasil, Euclides Lacerda de Almeida. Pessoalmente, não creio nem em vaticínios nem em enviados e considero tudo uma construção feita por ele mesmo, Euclides, de forma a dar sentido útil ao universo no qual estava inserido. De todo modo, não nego que a coincidência de alguns fatos ocorridos em 1988 me tenha sido favorável em muitos aspectos, quando de minha iniciação aos assuntos de natureza thelêmica.

Durante o tempo em que mantivemos nossa amizade, conversamos várias e várias vezes sobre tudo o que ele viveu em termos de ocultismo, de maçonaria (Euclides fora Maçom, Grau 18 do R.:E.:A.:A.: – Rito Escocês Antigo e Aceito), de thelema, sobre Marcelo Motta, a respeito do breve contato dele com Paulo Coelho e Raul Seixas, etc. Seu acervo histórico era muito bom, com centenas de cartas datadas a partir dos primeiros anos da década de 1960 e eu tive livre acesso a todas elas. A partir da leitura deste acervo, conversamos muito e demoradamente sobre a história de thelema no Brasil, desde suas inequívocas raízes na FRA (*Fraternitas Rosicruciana Antiqua*) até as primeiras publicações empreendidas por Motta, além de debatermos o que pretensiosamente chamávamos de o futuro de thelema no Brasil. Em suma, o período foi muito rico e bom para minha juventude. A amizade nutrida tanto pelo Euclides quanto por sua família é algo guardado por mim com bastante apreço e carinho.

Em alguns pontos, Euclides mencionou sua grande ajuda à ele, como em “Marcelo Ramos Motta: um Enigma”, “De retorno ao Rio de Janeiro, ainda trabalhou até 1985, quando se aposentou. Agora tinha todo seu tempo disponível para dedicar-se inteiramente ao trabalho de divulgação de Thelema. Só necessitava reerguer a S.N.A.. O que foi feito com auxílio do Sr. Carlos Raposo; o mais dedicado companheiro e irmão de todos os outros.”. Você pode nos contar um pouco mais sobre isso?

O Euclides havia fundado a Sociedade Novo Aeon (ou SNA) na década de 1970. Na ocasião ele ainda era orientado por Marcelo Ramos Motta. Entretanto, logo após fundar a SNA, formalizando-a juridicamente, ambos se desentenderam e o Motta saiu atirando para todos os lugares onde nome do Euclides aparecia. O Motta foi tão absurdamente sem noção em seus ataques que até mesmo resolveu “expulsar” o Euclides da SNA. É isso mesmo: o Euclides era o fundador e – junto com sua esposa – o dono legal da SNA, enquanto que o Motta nem mesmo fazia parte legalmente dela. A revelia de qualquer traço norteado pelo bom senso, este simplesmente se achou no direito de expulsar o Euclides da Sociedade. De tudo, vale enfatizar aqui, as atitudes destemperadas tomadas por Motta forçaram o Euclides a dar novo rumo a sua senda inciatca. Assim, como ele já havia estabelecido contato com o inglês Kenneth Grant, Euclides optou por estreitar seu relacionamento com o próprio Grant e “esquecer” o Motta. Ponho esta palavra entre aspas porque o Euclides jamais esqueceria o Motta, mas esse assunto ficará para outro momento. Quanto ao Grant, ele fora um dos principais – senão o principal – discípulos diretos de Aleister Crowley e nesta época fazia questão de se despontar como o líder mundial da O.T.O. (ramificação que depois seria obrigada a se denominar “O.T.O. Tifoniana”). Após várias trocas de correspondências com Euclides, Grant acabou por patenteá-lo com o Grau II de sua Ordem. Depois, Euclides receberia o VIIº honorário da O.T.O. de Grant, o que permitiria que

a SNA passasse a ser uma instituição formalmente reconhecida pelo Soberano Santuário da Gnose do inglês. Quando conheci o Euclides o quadro era exatamente esse. Em outras palavras, como havia reconhecimento internacional formal em relação tanto ao Euclides quanto a SNA, a partir da segunda metade de 1988 nós resolvemos tocar a Sociedade à frente. Foi um trabalho muito interessante.

Você chegou a fazer parte da *Sociedade Novo Aeon*? Se sim, como foi essa experiência?

Correto. Fiz parte da SNA e cheguei a ser seu Supervisor Geral. Entretanto, não dê importância demais ao termo “supervisor geral”, pois quando decidimos, Euclides e eu, desenvolver os trabalhos da SNA, ela não passava de uma Sociedade juridicamente estabelecida. Não havia associados, nem corpo de instruções, sede ou qualquer outra coisa. Basicamente, éramos somente nós dois e a seguinte ambição: estabelecer thelema no Brasil. Assim, o Euclides funcionaria como uma espécie de C.E.O. (nossa sigla para *Chefe Externo da Ordem*) da Sociedade, enquanto caberia a mim a “supervisão geral” de tudo. Grosso modo, o Euclides desenvolvia alguns textos, prospectos, panfletos, traduções do Grant, etc.; enquanto eu digitalizava os textos de Crowley traduzidos por Motta, divulgava a Sociedade, distribuía os textos e prospectos, contactava os interessados (o que era feito através de cartas – não havia internet nesta época!) e organizava os encontros que promovíamos com quem quisesse fazer parte de nosso grupo. Surpreendemo-nos com o bom volume de brasileiros interessados em Thelema. Logo reunimos certo número de candidatos à iniciação e conseguimos dar corpo ao que antes era apenas uma ideia fomentada por nós dois. Desta iniciativa, seguiram-se dezenas de encontros, debates, iniciações, viagens, palestras, além de amizades, algumas das quais para mim perduram até hoje.

Como um todo, avalio esta minha experiência como extremamente positiva. Aprendi bastante neste período, tanto no sentido de organização quanto no que diz respeito a relacionamentos humanos. Ao mesmo tempo, conheci a doutrina de Crowley, bem como os textos de seus principais discípulos diretos ou indiretos, como os do próprio Kenneth Grant, de Gerald Gardner, de Jack Parsons, de Austin O. Spare, de Marcelo Motta e de Lon Milo Duquette, entre outros. Comecei a estudar a história de várias organizações ocultistas, como a O.T.O., a G.:D.:, as Rosacruz e tantas outras. Nesse período, também comecei a escrever e foi quando produzi o texto “Aleister Crowley – O Mago de Mil Faces”, até hoje considerado referência em português sobre a vida do “pior homem do mundo”.

Mantive-me na SNA até meados de 1994, quando optei por romper definitivamente meus vínculos iniciáticos com o Euclides, encerrando minha participação em quaisquer das atividades organizacionais cuja representatividade dependesse do nome dele. Não foi uma decisão fácil, mas ante a precipitação de alguns fatos e, principalmente, perante sua hesitação em esclarecer determinada questão levantada por mim, senti-me irremediavelmente obrigado a tomá-la. O Euclides ainda tentou reverter a situação, retirando-se do cenário e me nomeando por carta o sucessor de sua linhagem da A.:A.:, de sua O.T.O. e daquilo chamado por ele de Ordem de Thelema. Entretanto, não aceitei as nomeações e mantive minha decisão, recusando-me a sucedê-lo no que quer que fosse. Minhas razões para não aceitar as nomeações e para tomar aquela decisão foram bem sérias e plenamente fundamentadas através de documentação, mas em respeito a sua memória prefiro não expor agora detalhes sobre o ocorrido. Concluindo, apesar da quebra de nossos vínculos iniciáticos ainda mantive a amizade que nutria por ele. Esporadicamente, ia até sua residência e conversávamos um pouco sobre o que estava ocorrendo. Isso perdurou até o final do ano 2000, quando também por iniciativa minha preferi cessar qualquer tipo de contato com o Euclides. Para mim, foi o fim de uma longa amizade. Nos últimos anos de sua vida, ele ainda tentou entrar em contato comigo algumas vezes, mas preferi não respondê-lo. Euclides faleceu junho de 2010.

Ultimamente, o nome Euclides Lacerda de Almeida tem aparecido com bem mais frequência nos meios thelêmicos brasileiros. O fato se deve, entre razões diversas, a recente inclusão de breves depoimentos dele para o documentário “Raul Seixas: O Início, o Fim e o Meio”, onde o Euclides é apressadamente caracterizado como o mestre do Maluco Beleza. Ao mesmo tempo, muito relevante é a inigualável contribuição literária que o Espaço Novo Æon tem dado aos thelemitas brasileiros. Nesse ínterim, é oportuno destacar justamente os trabalhos de autoria de Frater Aster que o Espaço tem divulgado. Tudo isso tem feito com que o nome do Euclides passe a ser mais conhecido e admirado entre os ocultistas nacionais, sobretudo pelos estudantes brasileiros da obra de Aleister Crowley. Tudo me leva a crer no aumento considerável do número de interessados na vida e do trabalho de Frater Aster. Fico muito feliz com o fato, pois há uma tremenda carência de referências thelêmicas brasileiras sadias. Peço apenas que seus admiradores, sejam novos ou antigos, não se precipitem em me julgar mal pelo que registro aqui e nem me considerem excessivamente intransigente ao evitar qualquer reaproximação com o Euclides. Lembrem-se do alerta de Tácito, quando disse *major e longinquo reverentia*. Repetindo, guardo todas as lembranças dessa época com muito carinho, respeito e profunda gratidão, embora tenha conhecido Euclides Lacerda de Almeida de perto demais para reverenciá-lo além daquilo permitido pela velha avó prudência.

Parte VI – A O.T.O.

Como se deu seu contato com a *Ordo Templi Orientis*?

Como mais a frente é mencionado o nome de meu iniciador, certamente a pergunta se refere ao grupo irremediavelmente estigmatizado pela alcunha “Califado”, também chamada de O.T.O. americana ou ainda, e até mais apropriadamente, de O.T.O. californiana. Digo mais apropriadamente, pois o grupo foi fundado na Califórnia, nos idos anos do movimento hippie. Gosto de fazer essa ressalva, pois ainda há inúmeros grupos de menor expressão usando o acróstico “O.T.O.”, sendo que eu mesmo já participei de alguns.

Respondendo, fiz parte do grupo de três pessoas que decidiu trazer o Califado aqui para o Brasil. Cada um de nós tinha suas próprias motivações para fazer parte da iniciativa de receber esta Ordem em nosso país. As minhas eram bem definidas: primeiro, fazer parte de um grupo thelêmico reconhecido internacionalmente; depois, poder publicar os livros de Crowley aqui no Brasil; por último, como eu sabia que lamentavelmente não era mais possível sustentar qualquer regularidade tendo o nome do Euclides à frente de iniciativas thelêmicas, optei pelo que restava, ou seja, o Califado. Dito de outra forma, inicialmente para mim a coisa foi mesmo pura falta de opção. Assim, salvo falha de minha memória, em princípios de 1995 nós três começamos a nos organizar e entramos em contato com o secretariado internacional do Califado. O primeiro contato foi por carta e depois, basicamente, a comunicação passou a ser feita através de fax. Após muita conversa, finalmente acertamos a vinda do time de iniciação para dezembro daquele ano. Foi com grata surpresa e alegria que vi o Lon Milo Duquette escalado como Iniciador e líder da equipe que viria aqui para o Rio. Ter o Lon como líder do grupo vindouro mudou bastante a minha expectativa em relação ao futuro daquela iniciativa, deixando-a muito mais promissora do que antes.

Salvo falha de minha memória, conseguimos reunir 10 interessados em fazer parte do grupo inicial do Califado em nosso país. Era um grupo muito bom e formado por pessoas ou que já eram amigas ou que em sua maioria aos poucos se tornaram muito queridas. Ironicamente, até mesmo o Euclides também fez parte do pessoal escalado para ser iniciado. As iniciações ocorreram aqui no Rio de Janeiro, em uma casa especialmente alugada para acolher os Ritos. Todos nós fomos iniciados no Grau 0 (Zero, também chamado de Mi-

nerval) e seis também no grau I (Grau do Homem ou Mulher, Irmão ou Irmã). Foi um período bastante festivo de minha vida, valendo-me amizades algumas das quais perduram até hoje.

Acrescento ainda, quando uso o termo “ironicamente” em relação ao Euclides é porque num primeiro momento ele se mostrou duramente contrário a vinda do pessoal da O.T.O. americana e o estabelecimento desta Ordem em terras brasileiras. As razões dele para se mostrar tão adverso a toda a coisa eram quase atávicas. Seu passado intenso e tumultuado com Marcelo Motta e os irremediáveis problemas deste com o fundador do Califado (Grady L. McMurtry) aparentemente eram fantasmas não superados por ele, Euclides, que julgava estar traindo o Motta caso fizesse parte da fundação do ramo californiano da O.T.O. em nosso país. Apesar de tudo e de me ter separado iniciaticamente dele, eu queria muito a presença do Euclides no grupo inicial do Califado, pois caso ele participasse, provavelmente seria a única pessoa no mundo a reunir em si as três principais linhas iniciáticas relacionadas a O.T.O.: do Motta, do Grant e do McMurtry. Entretanto, embora eu quisesse a presença dele, entendi perfeitamente sua posição e não achei justo fazer qualquer tipo de pressão no sentido de convencê-lo a participar dos Ritos. Desisti da ideia. Aqui é que entra a ironia, pois checando alguns documentos, descobri casualmente um Certificado emitido pela O.T.O. americana para o próprio Euclides, o que lhe dava a condição de membro associado do Califado – pasmem – desde 1988. Ha ha! Disse-lhe brincando, quer dizer que você já traiu o Motta há muito tempo, heim? Que coisa feia, Euclides... Ele riu um pouco e me disse “ok, Carlos, você está certo de novo; vamos deixar de bobagens e inclua aí o meu nome”. E assim ele concordou em ser iniciado no Califado. Porém, o tempo me mostrou que na verdade eu estava errado. Passado alguns meses, em outubro de 1996 o Euclides escreveu para a direção internacional da O.T.O. californiana e rompeu definitivamente com o grupo. Na ocasião ele também me mandou um bilhete escrito à mão, que guardo até hoje, onde muito sucintamente me comunicava a sua decisão: “assim é melhor”, escreveu ele.

Você pode nos contar um pouco de como foi essa época em sua vida?

Sim. As iniciações na O.T.O. americana estiveram dentro de um contexto bem particular de minha vida. Costumo chamá-lo de “meus impensados anos de 1990”, época para mim interessante, muito movimentada, embora repleta de equívocos e tropeços. Falando a voos de pássaro, tinha emprego como programador sênior numa estatal brasileira e uma vida satisfatoriamente bem estável. Casei duas vezes e me separei duas vezes também. Estava muito envolvido não somente com a doutrina e a crença thelêmicas, mas com ocultismos e quase toda sorte de afins. Comprava livros freneticamente, numa velocidade muito superior a minha capacidade de leitura. Quis estabelecer o movimento thelêmico em nosso país com a qualidade que até então eu julgava não haver existido em nenhuma iniciativa anterior. Para tal, movi mundos e recursos. Demiti-me da estatal. Fundei uma editora, publiquei nove revistas e um livro. Dediquei muito do meu tempo a responder cartas e a estudar tudo que me chegasse às mãos. Fiz várias amizades e conheci muita gente. Viajei o quanto pude e palestrei até perder o fôlego. Fui iniciado na O.T.O. Califado. Não obtive retorno financeiro o suficiente com a Editora e encerrei minha curta jornada de editor. Fui patenteado como Iniciador do Califado e Iniciei algumas pessoas nessa Ordem. Também fui iniciado na Maçonaria. Perdi uma das pessoas mais queridas, meu pai, e experimentei uma tristeza tão grande que até hoje não sei muito bem como classificá-la. Depois? Bem, depois vi, no dizer de Hobsbawm, “o breve século XX” acabar e o XXI chegar me perguntando: e aí? E aí, notei que já havia dedicado tempo demais e dado valor excessivo a coisas incidentais e fugazes, a ideologias, conquanto deixado um pouco de lado o verdadeiramente essencial e permanente. Aos poucos, comecei a me afastar de crenças, de magias, de Ordens, decidindo-me por estudar história... mas, aproveitando a palavra, isso é uma outra história...

Como foi ser iniciado por *Lon Milo Duquette*? Você poderia compartilhar um pouco dessa experiência conosco?

Eu disse antes, trazer a O.T.O. californiana para cá foi para mim falta de opção. Ratifico isso aqui. Inicialmente, na ocasião de fato foi o que me sobrou. Eu não tinha alternativa. Contudo, a vinda do Lon Milo Duquette mudaria substancialmente minha perspectiva. Ocorre que para mim já naquela época ele era uma espécie de ícone thelêmico, sendo uma das minhas referências ocultistas mais presentes. Mais ainda, o Lon representava um dos elos mais intensos, vívidos e diretos da doutrina formulada por Crowley. Já havia lido alguns de seus livros, conhecia e tinha o Tarô por ele desenhado e a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente e de ser iniciado por ele foi realmente algo ímpar. De certo modo, tê-lo como meu iniciador na O.T.O. americana significava para mim a retomada de meus laços iniciáticos com a própria fonte do conhecimento thelêmico. Por tudo isso, minha perspectiva inicial foi substancialmente mudada. De certo modo, o resultado objetivo desta mudança foi minha transformação. Transformei-me num agente propagandista, adotando todo o arsenal panfletário que tanto caracteriza o discurso do Califado. Levei algum tempo para perceber, mas dentro da O.T.O. americana é essa uma das funções do Lon. Coisa que ele faz com raro esmero. Em outras palavras, o Lon é um sujeito e tanto. Com segurança posso falar, dentro do Califado ele é único.

Uma das grandes dúvidas de todo Thelemita é por qual motivo a O.T.O., que detém os direitos autorais dos livros de Crowley, não publica seus títulos no Brasil. Em 1998, foi publicado pela Anúbis e Madras, *Os Livros Sagrados de Thelema* que tinha os contatos do então *Oásis Sol no Sul* (RJ) e do *Acampamento Therion* (SP), esse título ficou nas prateleiras por um tempo, mas sumiu. Não podemos perguntar sobre as dificuldades atuais, mas você pode compartilhar um pouco de quais eram as dificuldades daquela época? E por qual motivo esse título sumiu e outros não apareceram?

Apesar de em 1998 eu ainda estar bastante atuante no Califado, não participei diretamente da negociação para a publicação do citado título em português. O que vou dizer aqui parte do ponto de vista de um observador externo, que via a coisa com proximidade, grande expectativa e preocupação, mas sem possuir qualquer gerência direta sobre os eventos observados. Dito isso, recordo-me que todos os agentes diretamente envolvidos no processo de publicação do título se encontravam muito entusiasmados e felizes com o trabalho, que se mostrava complexo, pois englobava diversos interesses e humores por vezes conflitantes. Contudo, os contatos, os editores, os tradutores, todos acabaram por realizar um ótimo trabalho, superaram os obstáculos e finalmente o livro foi publicado. Num primeiro momento, todos nós ficamos eufóricos com o resultado final da empreitada. Entretanto, pouco depois do título ser lançado, aconteceu algo inesperado: os dois membros do Califado aqui no Brasil que estiveram à frente da negociação com as editoras, por razões justas e de caráter inteiramente pessoais a eles, saíram do grupo. Por um lado, a saída deles deixou um vácuo com as editoras responsáveis pela edição dos Livros Sagrados e impediu tanto a possibilidade de reedições desse livro quanto a futura publicação de outros títulos. Por outro, como ambos eram importantes peças do Califado brasileiro – um era o líder carioca, o outro, o líder paulista – o próprio trabalho do grupo se viu subitamente ameaçado. Na ocasião, aqueles que permaneceram no Califado (e aqui me incluo) se viram às voltas com uma situação bem confusa e preferiram reestruturar o trabalho da Ordem, deixando para o futuro o trabalho de publicação dos livros thelêmicos de propriedade da O.T.O. americana. Assim, respondendo a pergunta, em suma, foi uma decisão puramente estratégica: o grupo simplesmente preferiu concentrar seus esforços no sentido de arrumar a casa. Os livros poderiam esperar.

E o fim? Como foi o seu processo de saída da O.T.O. e quais foram as lições aprendidas desse período que você levou para sua vida?

Pessoalmente, foi bem tranquila e feita por mim com absoluta convicção e discrição. Enfim, foi algo feito *motu proprio*. Minha saída se deu no início de 2002, quando escrevi para a direção internacional da Ordem (IHQ – International Headquarters), expus meus argumentos, agradei toda a acolhida dada e comuniquei meu voluntário afastamento do grupo.

Contudo, ênfase, não há nada demais em sair da O.T.O. americana. De fato, lá a coisa é quase tão frequente quanto à admissão de pessoas em seus quadros. Não tenho mais os números oficiais, mas, por alto, posso com segurança afirmar, desde 1995 o Califado já realizou somente aqui no Brasil algumas centenas de iniciações. É isso mesmo: centenas de iniciações. Certamente, tal monta de iniciações levaria a crer no perfeito estabelecimento desta Ordem em nossas terras, bem como acreditar na considerável e respeitável grandeza da mesma. Afinal, ter algumas centenas de caminheiros trabalhando favoravelmente a qualquer grupo é qualquer coisa bastante desejável. Porém, lamentavelmente e em contrapartida, o quadro brasileiro do Califado se mostra completamente diverso. Se formos contar quantos recrutas verdadeiramente atuantes esta Ordem tem aqui em nosso país, será muito estranho constatar que este número é bastante reduzido. Em outras palavras, apesar da mística que cerca tanto o nome “Aleister Crowley” quanto o acróstico “O.T.O.” continuar com a capacidade de atrair almas errantes para o Califado, a estrutura brasileira do grupo ainda não foi capaz de fazer com que parte minimamente expressiva delas permaneça ativamente vinculada a Ordem. Assim, se por um lado houve centenas de iniciações promovidas no Brasil pela O.T.O. californiana, por outro há também número expressivamente grande de iniciados que de lá se evadiram para nunca mais voltar. Digo isto, não para criticar o trabalho feito pelo Califado, mas para lembrar que fui apenas um dentre tantos que de lá saíram.

Falando especificamente de meu caso, deixo claro que sair do Califado foi consequência de uma questão pessoal, lógica e filosófica, mas nunca por pressões de qualquer outra natureza. Essencialmente, após refletir bastante sobre meu papel e meu envolvimento com esoterismos e adjacências, inclua-se thelema neste ínterim, cheguei gradualmente a constatação de minha necessidade pessoal de estender meus horizontes a novos conhecimentos. Ao longo do processo, findei por me distanciar das crenças e, particularmente, afastei-me aos poucos e, por fim, completamente, da prática da religião thelêmica. Desta forma, não havia mais nenhum sentido para mim permanecer na O.T.O. americana, cuja função precípua é justamente encorpar mundo afora a militância religiosa e ideológica da Lei de Thelema. Fazendo uso de outras palavras, minha saída do Califado foi um evento secundário, consequência direta de ter me distanciado da crença thelêmica.

Ressalte-se aqui, a revelia de minha saída de lá, considerando que parte significativa de minha produção de conhecimento ainda esteja relacionada a algum tema concernente à O.T.O., nos seus mais variados ramos, é inteligente ponderar minha expectativa no sentido do franco crescimento de suas diversas representações. Afinal, quanto mais membros possuírem, mais leitores terei. Não creio que seja muito difícil entender isto.

Já quanto às lições aprendidas, foram muitas. Certamente não conseguirei reproduzir todas num mero parágrafo. Entretanto, inicialmente quero deixar registrado nesta entrevista que, de modo geral minha experiência dentro do Califado foi bastante positiva e muito boa, sob quase todos os aspectos. Assim, falando a respeito do contexto onde estes eventos se encontram inseridos, talvez a principal lição tenha sido mesmo dar mais atenção a aquilo que de fato é importante em minha vida. Anteriormente, mencionei algo a respeito de coisas incidentais e fugazes que temporariamente nos ocupam, bem como ter deixado um pouco de lado o verdadeiramente essencial. O que é importante e essencial? Essa é uma das perguntas mais fáceis de serem respondidas. Entre tantos, importa-me minha família, amigos, formação pessoal, seja cultural ou profissional. Importa-me a livre pesquisa e a produção de conhecimento. Sobremodo, aprecio a gentileza intelectual

no trato com os outros e me são bem caras a capacidade e a possibilidade de agir socialmente, de modo a poder melhorar um pouco o mundo onde estamos. Nenhuma ideologia, por mais sedutora e vanguardista, substituirá qualquer um desses valores. Até mesmo pelo contrário, as ideologias muitas vezes têm a vil capacidade de obscurecê-los. Enfim, sou muito grato a tudo o quanto me aconteceu e hoje me sinto muito feliz por não ter permitido que qualquer tipo de crença inibisse minha vontade de seguir em frete e de buscar o saber.

Parte VII – Revistas

Você poderia compartilhar conosco como foi a experiência de ser *Editor da Revista Safira Estrela*?

A Revista Safira Estrela foi um projeto que me proporcionou muita alegria, mas também alguma frustração. Foi gratificante em praticamente todos os sentidos. Publiquei nove edições (numeradas de 0 a 8), sendo que as seis primeiras tinham periodicidade semestral (daí serem subtituladas de “A Revista dos Equinócios”) e possuíam orientação thelêmica. Depois, nas três últimas edições abri um pouco seu escopo, quando ela passou a ser trimestral e com o subtítulo de “Revista de Filosofia Oculta”. Inicialmente, minha ideia era disponibilizar para o público material esotérico de qualidade, livrando seu veículo daquelas indesejáveis propagandas esotéricas. Contudo, bem aos poucos tive que ceder quanto a propaganda e os últimos números já passaram a conter alguns anúncios deste tipo. A grande frustração desse projeto foi meu completo insucesso quando procurei alguns empresários do ramo editorial brasileiro, buscando financiamento para tocar o projeto em frente. Embora a revista lhes causasse um impacto bem satisfatório, para ser financiada era teria que se descaracterizar completamente, sendo que cerca de 70% de seu espaço estaria reservado para as propagandas. Era o mercado, impondo-me suas condições. Na época, meu sentido prático e comercial ainda estava muito ofuscado pelo ideal da “qualidade” e recebi as propostas como se fossem ofensas. Pura imaturidade minha. Resultado, apesar da excelente receptividade, não foi possível continuar o projeto.

E ter alguns de seus artigos publicados na *Revista Sexto Sentido*, como foi isso?

Também foi muito positiva. Diferentemente da Safira Estrela, a Revista Sexto Sentido tem abrangência nacional, e isso fez com que meus artigos tivessem substancial projeção no cenário ocultista brasileiro. Foi muito bom conhecer um veículo como a Sexto Sentido, cujos editores sempre estiveram abertos a matérias de boa qualidade, sem nunca perder o tino comercial do veículo. Assim, nela fiquei bem a vontade, chegando a publicar artigos sobre maçonaria, templários, rosacruzes, etc. Dos meus artigos publicados, o destaque foi a pesquisa que fiz sobre o suposto ídolo templário, “Baphomet”, cujo texto mereceu ser a matéria de capa de uma das edições de Sexto Sentido. Na ocasião, recebi tantas correspondências eufóricas a respeito do modo como abordei o tema, que nem pude dar conta de responder a todos. Hoje o longo artigo “Os Mistérios de Baphomet” também está disponibilizado em meu blog (no link <http://scribatus.wordpress.com/2012/03/20/baphomet/>).

Parte VIII – Próximo Passo

Quais são seus planos e projetos para o futuro? Você nos contar alguns?

Já dei algumas indicações aqui na entrevista, do que pretendo fazer. Assim, prefiro não falar mais a respeito de meus projetos. Contudo, abrirei duas exceções, nas respostas dadas às perguntas seguintes.

E o Blog Orobas (sobre a história da O.T.O.)? Tem algo planejado para ele? Alguma nova informação saindo do forno?

Respondendo de modo sucinto, dividi livremente a história da O.T.O. em quatro partes, cada uma delas abrangendo aproximadamente um quartel de anos. Até o momento, tudo que está publicado em “Orobas” corresponde apenas à parte do material que escrevi sobre os primeiros 25 anos de sua história. Em outras palavras, tudo que até hoje publiquei no blog não passa de um fragmento do material preparado para ser divulgado. Contudo, ainda tenho que decidir pelo melhor modo de divulgar esse material. Não sei ainda se opto por um livro ou se vale investir no blog. Possivelmente, escolha os dois caminhos, transformando o blog num veículo para textos mais rápidos, resumos, visando promover o que estiver apresentado no livro. Vamos ver.

Não podemos deixar de perguntar como estão seus planos para a publicação de um livro de sua autoria? Já está em andamento?

Publicar livros sobre temas ocultistas, thelêmicos ou sobre outros assuntos está em meus planos, embora não sejam planos prioritários para mim. Mesmo assim, tenho três projetos em andamento e um bem mais complexo que se encontra em fase seminal. Sobre um deles já comentei acima, a respeito da história da O.T.O.; já quanto aos demais, prefiro nada adiantar a respeito, afinal, como afirma Aleister Crowley, tudo acaba em mistério.

Fontes de Referência

- *Carlos Raposo* - <http://carlosraposo.wordpress.com/>.
- *Medievalismo*
Espaço dedicado a textos sobre Idade Média, <http://medievalismo.wordpress.com/>.
- *Scribatus*
Espaço com textos genéricos e menos rigorosos, sobre filosofia, dia a dia, esoterismos, resenhas, um pouco de bom humor, <http://scribatus.wordpress.com/>.
- *Orobas*
Textos frutos de pesquisas empreendidas sobre a obscura *Ordo Templi Orientis*, Ordem religiosa e ocultista também conhecida como O.T.O., <http://orobas.blogspot.com.br/> e www.thelema.com.br/orobas/



<i>Entrevistado:</i>	<i>Carlos Raposo</i>
<i>Entrevistador:</i>	Jonatas Lacerda
<i>Origem:</i>	Espaço Novo Aeon (www.thelema.com.br/espaco-novo-aeon)
<i>Revisão:</i>	Jonatas Lacerda
<i>Edição:</i>	Jonatas Lacerda
<i>Versão:</i>	1.0 – 10/08/2013 e.v.

ⁱA presente entrevista pode ser encontrada no site **Espaço Novo Aeon** (www.thelema.com.br/espaco-novo-aeon). Este material não pode ser utilizado de forma alguma para fins comerciais e seu uso não comercial deve sempre manter os créditos e ressalvas. As opiniões expressas tanto pelo entrevistado, quanto pelo entrevistador com relação à Lei de Thelema e ao Aeon de Hórus são pessoais e é muito importante ter em mente que toda informação coletada a respeito da Era de Aquário/Leão deve ser validada, cada um por si e que a nossa pedra fundamental é O Livro da Lei (www.thelema.com.br/espaco-novo-aeon/livros/al-o-livro-da-lei/).